

Cartografando as Controvérsias da Copa do Mundo FIFA de 2014: As *Hashtags* Políticas do #NaoVaiTerCopa no *Twitter*¹

Jean Medeiros²

Fabio Malini³

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

Resumo

A presença das redes sociais virtuais tem sido constante nos movimentos sociais que ocupam as ruas. O ambiente virtual possibilita a participação diversificada de atores e surge como uma forte ferramenta de convocação, levando a multidão para as ruas. Este artigo aborda as teorias e as técnicas para se analisar presença desse novo terreno de disputa dentro da internet. Este trabalho se inspira na crescente população que vive em uma sociedade em rede e se utiliza disso para se expressar. Dentre as técnicas está a análise das *hashtags*, expressões utilizadas para a difusão dos assuntos nas redes sociais.

Palavras-chave: Cibercultura; Cartografia das Controvérsias, Redes Complexas, Análise de Redes Sociais.

Introdução

A grande controvérsia estudada é a Copa do Mundo de Futebol FIFATM, realizada no ano de 2014 no Brasil. A escolha dessa controvérsia se baseia na alarmante importância que os processos para a realização da Copa tiveram nos protestos que aglutinavam a multidão, tanto nas ruas quanto nas redes. Tais protestos reivindicavam pelos seus direitos, enquanto os governos consumiam dinheiro público para as demandas necessárias para se instalar a copa no Brasil. Os protestos ganharam força e tiveram seus primeiros levantes, logo depois das grandes manifestações de junho e julho de 2013, que ocorreram no Brasil, quando um conjunto heterogêneo de demandas foi levado às ruas pela multidão que reivindicava por melhorias no sistema político e protestavam contra as atitudes tomadas nas suas obrigações para com o povo.

Tal escolha de controvérsia foi feita, e colocada em processo de análise empírico, embasada nas cinco características expostas por Venturini (2010): (1) Controvérsias envolvem diversos tipos de atores: As controvérsias em relação a Copa se fez de um

¹ Trabalho apresentado no GP Cibercultura, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduado em Ciência da Computação e Mestrando em Comunicação e Territorialidades na Universidade Federal do Espírito Santo. Pesquisador do Labic (Laboratório de estudos sobre Imagem e Cibercultura). Email: jeanrmedeiros@gmail.com.

³ PHD em Comunicação e Cultura, pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor Adjunto IV na Universidade Federal do Espírito Santo, onde também coordena o Labic (Laboratório de estudos sobre Imagem e Cibercultura). Email: fabiomalini@labc.net.

emaranhado de interações entre diversos tipos de atores, desde ativistas, jogadores, jornalistas, blogueiros, políticos, agentes da FIFATM, etc.; (2) Controvérsias demonstram o social em sua forma mais dinâmica: devido à grande interação entre os actantes formada nas redes sociais, dando lugar a relações entre atores que antes não se conectariam por outros motivos, como, por exemplo, o jogador Ronaldo opinando sobre a construção de hospitais; (3) Controvérsias são “resistentes à redução”: Não um reducionismo a um problema e uma solução, eles são diversos. Entre os protestos diversas reivindicações foram expostas, não se revelando diversos problemas e o pedido de diversas soluções; (4) Controvérsias são debatidas: Entre as interações do *twitter* houveram diversas conversações, compartilhamentos, opiniões publicadas; e a última (5), Controvérsias são conflitos: Na rede formada, diversos conflitos de interesse e opinião foram encontrados. Um bom exemplo foram as *hashtags* culminadas, como #naovaitercopa X #vaitercopa.

A Cartografia das controvérsias se mostra com uma boa escolha de técnica nos processos metodológicos e empíricos, devido às diversas características encontradas e correlacionadas com o tema discutido. Pode-se perceber o enquadramento das características da técnica no tema/controvérsia abordado. A heterogeneidade dos protestos e o terreno de disputa que se criou nas redes sociais, formalizaram a Copa do Mundo como uma interessante controvérsia para ser cartografada e analisada. O grande ciberespaço escolhido para essa análise foi o *Twitter*, ferramenta de *microblogging*, capaz de compartilhar mensagens de até 140 caracteres, além de mídias como fotos, vídeos e gifs. Tal espaço é um zoom no assunto em si e foi escolhido devido sua grande relevância nos processos ocorridos nas controvérsias estudadas. Esse terreno de disputa se estende às ruas, onde os protestos se fazem vivos e em tal terreno, a multidão expõe suas perspectivas e subjetividades fazendo um movimento de ida e vinda entre as redes e as ruas.

Este trabalho faz um estudo das *hashtags* utilizadas na rede pelo movimento e seus apoiadores. As *hashtags* são usadas para marcar palavras-chaves ou tópicos em uma publicação. Ela foi criada, por usuários do próprio *Twitter*. Os usuários utilizam o símbolo # antes de uma palavra-chave ou uma frase sem espaços em seus *tweets* para categorizá-los, o que também faz com que se crie um link para um “*Twitter Search*”, em que se vê outros *tweets* agrupados com a mesma *hashtag*. Elas podem ocorrer em qualquer lugar do *tweet* – começo, meio ou fim. Com o seu uso em alta escala, geralmente as *hashtags* aparecem nos *Trending Topics*, se tornando visíveis para os milhões de usuários da rede social.

A metodologia consiste em analisar *tweets* através da técnica da Cartografia das Controvérsias de Venturini (2010) e Bruno Latour. Os processos consistem na mineração dos *tweets* necessários, o processamento dos mesmos, análise do resultado desse processamento e a visualização da informação de uma forma mais clara. A informação principal tratada neste artigo serão as *hashtags* mais influentes da rede formada pelo movimento #NaoVaiTerCopa.

Teoria Ator-Rede e a Cartografia das Controvérsias: uma introdução

O problema da vida social é que cada situação que envolve mais de duas pessoas pode rapidamente tornar-se incrivelmente complicado. Tome a complexidade de um ser humano, multiplicá-la pelo número de pessoas envolvidas na interação, e em seguida, pelo número de interações necessárias para organizar o mais simples dos fenômenos sociais. Acrescente isso ao fato de que as interações podem afetar e serem afetadas por qualquer tipo de agente não humano (tecnologias, elementos da natureza, obras de arte ...) e que estes agentes podem carregar as consequências de outras interações que se alongam no tempo e no espaço. (Tommaso e Latour, 2010, p. 3)⁴

As redes sociais digitais, como *Twitter*, *Facebook*, *Instagram*, entre outras, são as principais ferramentas de interação entre usuários da internet que dentro delas agem como perfis. Perfis podem ser tanto uma pessoa comum, como personagens, fakes, grupo de pessoas, instituições, empresas, bots, etc, que atuam produzindo conteúdos em murais de dispositivos midiáticos 2.0. Nas redes sociais, para Antoun (2008), circulam entre canais, notícias e interesses, em meio a uma grande comunidade, que partilham de atividades e agem coletivamente, ou seja, os perfis formam um coletivo. É a subjetividade se expandindo para um certo coletivismo. Perfis não apenas produzem conteúdos originais, nessas plataformas 2.0, eles compartilham, mencionam, republicam, e respondem a outros perfis, deixando rastros de relações em suas interações. Essas interações, ou pode-se chamar de associações, mesmo em redes, são mediadas, alteradas, compartilhadas, efetuadas por atores humanos e não humanos.

Acontece que ao longo dos últimos trinta anos, os dados digitais se multiplicaram e passaram a nos proporcionar uma visão que não se restringe à oposição clássica entre etnografia e métodos quantitativos. É por isso que nos referimos ao mapeamento de controvérsias como qualiquantitativo. São traços de atividades

⁴ Tradução nossa para: “The problem of social life is that every situation involving more than two people can quickly become unbelievably complicated. Take the complexity of a human being, multiply it by the number of people involved in the interaction, and then by the number of interactions needed to organize the simplest of social phenomena. Add to that the fact that interactions can affect and be affected by any kind of non-human agent (technologies, elements of nature, pieces of art...) and that these agents can carry the consequences of other interactions stretching far into time and space.” (Tommaso e Latour, 2010, p. 3)

ainda completamente rudimentares, mas que se mostram significativos quando comparados ao que chamávamos antes de dados estatísticos. Não se trata de dizer que eu acredito nos métodos digitais. O que acontece é que a possibilidade de traçar relações por meio dos dados digitais nos dá ideias do campo. (Dias et al, 2014, p. 515)

O campo da comunicação social tem se dedicado, sobretudo nos estudos de cibercultura, ao ler esses fenômenos da “sociedade dos Perfis” como objetos cuja essência se manifesta como relacionais, ou seja, formam processos (por exemplo, espalhamento de notícias ou mobilizações políticas) que, disseminados a partir do encadeamento de *ReTweets*, *shares*, *replies*, *comments*, geram situações e fatos que vão de grandes manifestações sociais a eventos de cultura de fã nas redes.

Distante das definições transmissionistas de comunicação, que tratavam de interações cujas mensagens eram carregadas ilesas através de um canal puro (mensagem enviada = mensagem recebida), Latour defende um olhar que busca observar as conexões que, ao estabelecerem-se, transformam: “...uma relação que não transporta causalidade mas induz dois mediadores a coexistirem.” (Latour, 2005, p. 108). (Primo, 2012, p. 630)⁵

E em tempo, segundo os autores (Bastos et al, 2014), as pesquisas em comunicação observam um crescimento expressivo nas pesquisas que se utilizam dos diversos métodos de análise de rede sociais com uma base teórica na TAR. Tais pesquisas acadêmicas encontram fundamentos no trabalho feito por Venturini (2010). Elas encontram entendimento no cruzamento das teorias e métodos nas Cartografias das Controvérsias.

A Teoria Ator-Rede, ou, de forma abreviada, TAR, nasceu nos *Science and Technology Studies* (Estudos de Ciência e Tecnologia) nos anos 90 e, principalmente, através dos sociólogos Bruno Latour e Michel Callon. A TAR vem do inglês, *Actor-Network Theory*, ou ANT. Latour brinca com a abreviação formada pelo nome da teoria, cuja tradução se remete ao termo “formiga” em inglês. Latour (2012 apud Prates, 2013) compara os pesquisadores que utilizam a ANT (TAR, em português), com formigas que se arrastam penosamente pelos fios condutores aos quais os objetos e humanos se associam.

Tais associações são efetuadas entre actantes. O termo actante vem do campo da semiótica, onde Greimas, influenciado pela teoria do sintaxista Lucien Tesnière, faz o uso da palavra *actante* para designar seres, humanos ou animais, ou coisas que por quaisquer consequências ou motivos, e ainda por serem figurantes ou muito ativos em determinada ação, participam de um determinado processo (Mendes, 2013). Bruno Latour se utiliza de

⁵ A citação direta feita por Alex primo de Bruno Latour se encontra no seguinte livro: Latour, Bruno. *Reassembling the social. An introduction to Actor-Network theory*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

tal termo, a fim de resumir em uma palavra, a diversidade de atores capazes de configurar as redes na TAR, podendo esses atores serem humanos e não humanos, desde pessoas, animais, coisas, perfis da internet, *bots*, equipamentos tecnológicos, etc. Dizer “actante”, para autores ligados à TAR seria como uma forma neutra de se referir a “atores”, já que o conceito de “ator” tem uma carga simbólica ligada ao “ser pessoa”.

Com a Teoria Ator-Rede, Latour incorpora em uma teoria, a redefinição de uma nova sociologia, se contrapondo ao que se chama de sociologia do social. Na TAR, as associações entre atores híbridos e heterogêneos são o eixo principal. A ideia é de reagregar o social e desdobrar as controvérsias, e tratar dos elementos heterogêneos que se aglomeram nas redes. Latour, em trecho de seu livro *Reagregando o Social*, cita os caminhos rumados em sua escrita, o motivando para defender uma “sociologia das associações”:

O argumento deste livro pode ser definido de maneira simples: quando os cientistas sociais acrescentam o adjetivo “social” a um fenômeno qualquer, aludem a um estado de coisas estável, a um conjunto de associações que, mais tarde, podem ser mobilizadas para explicar outro fenômeno. [...] O que tenciono fazer no presente livro é mostrar por que o social não pode ser construído como uma espécie de material ou domínio e assumir a tarefa de fornecer uma “explicação social” de algum outro estado de coisa. (Latour, 2012, p. 17-18).

É por isso que se denomina a TAR de sociologia das associações. Latour vê como necessária a discussão sobre uma nova sociologia, uma sociologia que englobe um social mais complexo e complementado de novos atores, sobretudo em um período de expansão digital das associações. O sociólogo francês reforça, em (Dias et al, 2014), sobre as exigências dos campos, seja na ciência técnicas, econômicas, jurídicas, entre outras, que adentram em complexidades específicas tendo em vista a extensão de suas redes. E assim, os métodos se adaptam para meios de obtenção de dados quantitativos, caso contrário, se tornariam limitados. O autor discorda da visão de sociedade da sociologia tradicional, apontando um argumento que vai de encontro a possibilidade de se pontuar quais elementos compõem o âmbito social e suas mediações.

Entre as variadas definições de redes, uma delas diz o seguinte: redes são qualquer conjunto ou estrutura que por sua disposição lembre um sistema reticulado, ou seja, que haja ligação entre pontos e que essas ligações formem uma relação entre tais pontos. A rede, na TAR, é o que se forma das mediações entre os atores. Ela está à mercê das associações e se faz e desfaz a qualquer momento, ela está sempre aberta. Ela é rizomática, no sentido Deleuziano, no qual tem como duas de suas características, os princípios de

conexão e heterogeneidade.⁶ Sobre conexão, o princípio diz que “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo” (Deleuze, 1995, p.15), ou seja, os diversos atores se associam e desassociam como bem querem. Enquanto a heterogeneidade, Deleuze argumenta, “Num rizoma, [...]cadeias semióticas são aí conectadas a modos de codificação muito diversos [...] colocando em jogo não somente regimes de signos diferentes mas também estatuto de estados de coisas.” (idem, p.15) Assim, pode-se perceber o conceito de Deleuze na TAR, à medida em que Latour nos provê as ferramentas para se trabalhar com o social através das conexões sociais mutáveis e heterogêneas e permite que se trabalhe para que tais rizomas sejam traçados coletivamente como um mapa, uma cartografia.

No caso de Latour, as conexões são atuais e explícitas, “molares”, constituindo um dos alicerces da infraestrutura teórica deste pensador; ao mesmo tempo, há porções significativas da obra de Latour alheias ao espírito da filosofia deleuziana. [...] Bruno Latour, que assinala a dívida da teoria do ator-rede para com o conceito de rizoma, é particularmente explícito: uma rede não é uma coisa, porque qualquer coisa pode ser descrita como uma rede. (Castro, 2007, pp. 94, 98)

Para André Lemos (2013), a rede, na TAR, não seria infraestrutura, mas sim o que se produz nas relações entre os actantes. Ao se conceituar de rede, remete-se à mobilidade, gerada a partir da instabilidade de conexões e na dinâmica das relações, que se fazem e se desfazem ao irem tecendo a mesma. Ou, no sentido de Viveiros de Castro (2007), se remete à multiplicidade:

Multiplicidade é assim o meta-conceito que define um certo tipo de entidade, do qual o famoso “rizoma” da Introdução de Mil platôs é a imagem concreta. [...] Uma rede é uma perspectiva, um modo de inscrição e de descrição, “o movimento registrado de uma coisa à medida que ela vai se associando com muitos outros elementos”⁷. Mas essa perspectiva é interna ou imanente; as diferentes associações da “coisa” fazem-na ir diferindo de si mesma — “é a coisa ela própria que passou a ser percebida como múltipla”⁸. Em suma, não há pontos de vista sobre as coisas; as coisas e os seres é que são os pontos de vista³². Se não há entidade sem identidade, não há multiplicidade sem perspectivismo. (Castro, 2007, pp. 97-98)

Lemos (2013) discute espaço e rede e os correlaciona. O autor cita duas compreensões de espaço: (a) Espaço como um conceito abstrato, de uma visão matemática, onde se reserva todas as coisas. E (b), e o espaço no qual se é construído através da distensão dos lugares, relacional e dinamicamente falando. O espaço deve ser entendido em suas dimensões: abstrata e relacional. E para discutir um espaço em que se encontra a

⁶ Latour constrói sua TAR, e muito, a partir da noção deleuziana de rizoma. Sobre isso, ver: Castro, Eduardo Viveiros de. Filiação intensiva e aliança demoníaca. *Novos estud.* - CEBRAP, Mar 2007, no.77, p.91-126.

⁷ C. B. Jensen. “Latour and Pickering: post-human perspectives on science, becoming, and normativity”. In: D. Ihde e E. Selinger (orgs.), *Chasing technoscience: matrix for materiality*. Bloomington: Indiana University Press, 2003, p. 227

⁸ Latour, Bruno. *Reassembling the social. An introduction to Actor-Network theory*. Oxford: Oxford University Press, 2005, p.116.

comunicação, prefere-se tanger a dimensão relacional. Nessa dimensão relacional, as relações formam um sistema de multiplicidades, no qual Deleuze chama de *síntese disjuntiva* ou *disjunção inclusiva*, e o modo relacional não tem semelhança ou identidade como causa, mas divergência ou distância, sendo assim tal modo relacional é “devir” (Castro, 2007). Nesse espaço, em que pode-se denominar como espaço-rede, é onde se atua de forma dinâmica e infinita, e onde se configura o dinamismo das associações.

A Cartografia das controvérsias, ou CC, é um conjunto de técnicas criadas para o auxílio na exploração e nas visualizações de acontecimentos plausíveis de discussão, polêmicas e tensões. Ela é uma versão didática e empírica da TAR e foi também desenvolvida por Bruno Latour (Venturini, 2010). Essas técnicas são a concepção de uma forma para se obter dispositivos, nos quais possam observar, analisar e apresentar os fenômenos sociais.

A CC nos conecta aos elementos que são os próprios atores e o que eles oferecem ao social, suas ações, associações, mediações, interações, etc. O método foi desenvolvido para auxiliar a análise de casos controversos, nos quais se encontram instáveis e em constante conflito. A cartografia das controvérsias é uma técnica que foi feita para “viver, conhecer e praticar a complexidade da tensão” (Law e Hassard, 1990 apud Venturini, 2010, p.258) O método preza a identificação de cada interação, de toda produção coletiva pelos atores participantes, e busca os padrões existentes entre eles e as ações. É uma ferramenta que torce a rede, exprimindo as perspectivas heterogêneas que são a base das controvérsias encontradas e expondo a multiplicidade de pontos de vista, nas quais se comprova a heterogeneidade das interações da rede.

Fenômenos sociais não existem por eles mesmos. Fenômenos coletivos emergem pelo esforço dos participantes, é ampliado tanto quanto os atores o fazem, e duram tanto tempo quanto os atores o mantêm. (Latour e Venturini, 2010, p. 3)

A cartografia das controvérsias se objetiva a trabalhar a complexidade, a ponto de entender os fenômenos ao traçar as redes que os atores formam em função de suas associações e ações.

As controvérsias são definidas por Venturini (2010) como qualquer situação em que os atores estão em desacordo e assim, em conflito, se contrapondo, contradizendo-se, discutindo, até que haja a estabilização da controvérsia. Porém, antes disso, para que as mesmas surjam, os atores estabelecem as relações entre si, e a partir das diferentes

perspectivas, pontos de vista, discordâncias e conflitos as controvérsias emergem e se tornam plausíveis de análise.

Em poucas palavras, quando você olha para controvérsias, pesquisa-se onde a vida coletiva fica mais complexa: onde a maior e mais diversa variedade de atores está envolvida; onde alianças e oposição se transformam de forma irresponsável; onde nada é tão simples como parece; onde todos estão gritando e brigando; onde os conflitos crescem mais severos. Lá, você vai encontrar o objeto da cartografia de controvérsias. (Venturini, 2010, p. 5)⁹

Venturini (2010) resume a noção de controvérsia a fatos em que um coletivo alcança uma complexidade em conviver entre si, em uma devida situação. Os atores envolvidos em tal situação entram em conflito e ao expor suas ideias, opiniões, conceitos de tal assunto, fazem surgir as controvérsias. Assim, se tornar possível a cartografia e a análise da rede formada em tal conflito de ideias. Tal cartografia é feita a fim de descomplexar a rede e encontrar os padrões e atores presentes nela.

As cartografias das controvérsias podem ser escritas/lidas por diversos artefatos, tipos de relatos, modos de visão, ferramentas, entre outras coisas. Porém, neste artigo se tem como artefato principal as redes complexas, os grafos. Eles são estruturas que demonstram de forma excelente as controvérsias devido suas habilidades de desenhar as interações entre os atores, podendo assim, enfatizar as controvérsias levantadas pelos mesmos.

Análise das *hashtags* encontradas nos *tweets* da Copa do Mundo FIFA 2014

As análises foram feitas em cima de *tweets* catalogados em cima da *hashtag* #naovaitercopa entre 18 de novembro de 2013 e 6 de maio de 2014. A escolha temporal do *dataset* foi feita de tal forma pois o período anterior a realização da Copa do Mundo concentrou maior número de interações de cunho político e de manifestação. Os *tweets* coletados durante a copa, no caso com diversas e variadas *hashtags*. Esses *tweets* obtiveram um número elevado de perspectivas, e em sua maioria relacionadas ao futebol, aos estádios, à torcida, ou seja, à realização da copa em si.

Sendo assim, decidiu-se por adotar uma metodologia que efetuasse a análise das *hashtags* mais influentes do movimento #NaoVaiTerCopa. E assim, mineramos os *tweets*

⁹ Tradução nossa para: In a few words, when you look for controversies, search where collective life gets most complex: where the largest and most diverse assortment of actors is involved; where alliances and opposition transform recklessly; where nothing is as simple as it seems; where everyone is shouting and quarreling; where conflicts grow harshest. There, you will find the object of the cartography of controversies. (Venturini, 2010, p. 5)

do período citado anteriormente, o que acarretou em aproximadamente 112 mil *tweets* e nesses *tweets*, podemos encontrar mais de mil *hashtags* diferentes. Após a mineração, há a necessidade de processar esses *tweets*, a fim de retirar as informações, estatísticas para se efetuar uma análise quali-quantitativa dos mesmos. Dentre os resultados deste processamento, pode-se encontrar dois arquivos necessários para nossa análise: *hashtags.csv*, uma lista das *hashtags* encontradas nos *tweets*, organizada pela quantidade de usuários que as mencionaram; e o *hashtags_network.csv*, que vai listar as co-ocorrências de *hashtags* em *tweets*, podendo assim gerar um grafo interligando as *hashtags* que aparecem em uma mesma postagem. Assim, faremos uma análise das 5 *hashtags* mais influentes na rede do movimento #NaoVaiTerCopa.

<i>Hashtag</i>	Usuários distintos
naovaitercopa	24315
nãovaitercopa	10883
brazil	2521
blocoquemtembocavaiadilma	1892
vemprarua	1406

Tabela 1: Tabela de *hashtags* mais comentadas por diferentes usuários

Outro artifício utilizado na análise das *hashtags* se encontra na figura 1. A figura demonstra um grafo que interliga *hashtags* se as mesmas ocorrem no mesmo tweet, ou seja, é um grafo de co-ocorrência de *hashtags*.

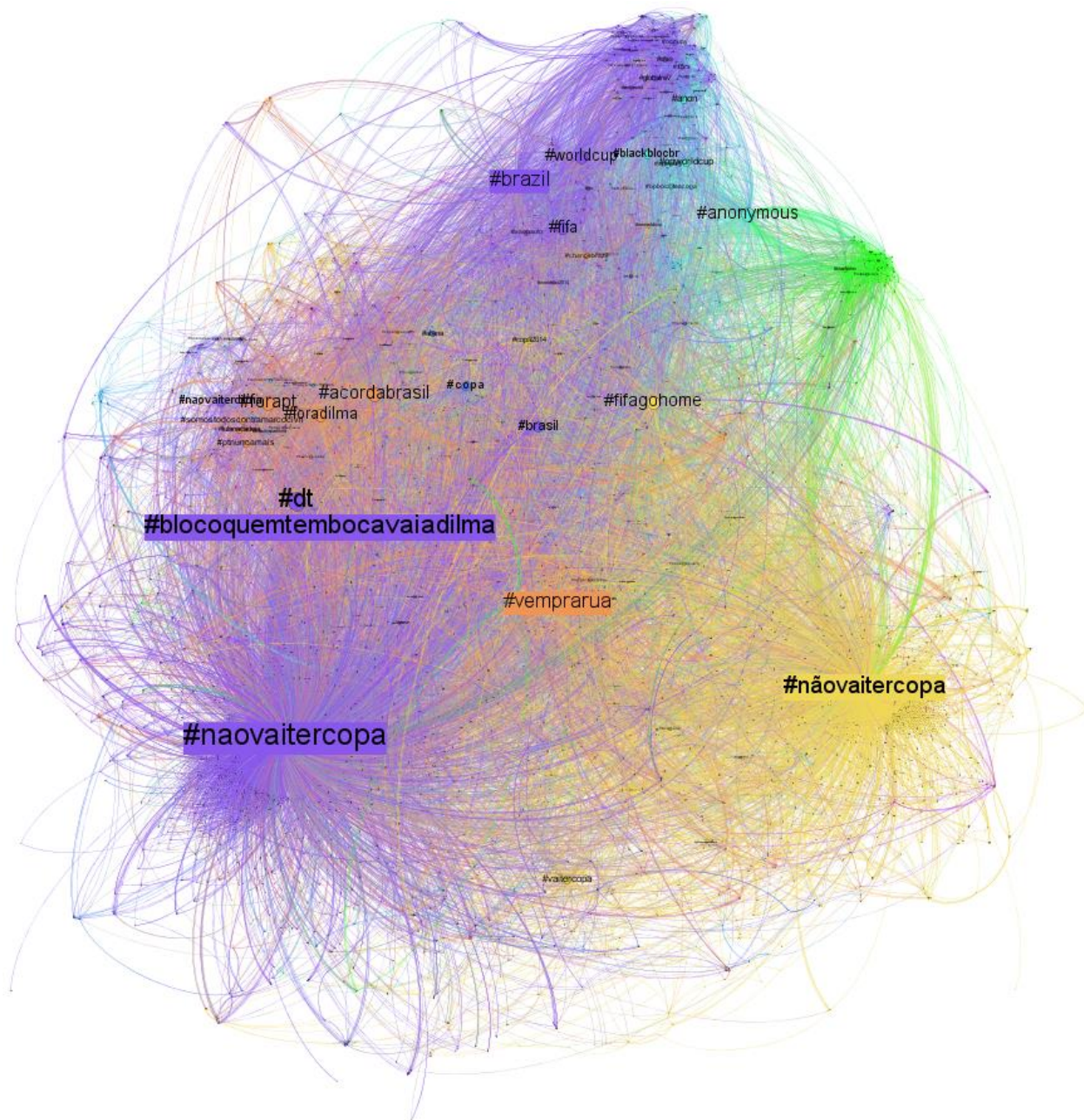


Figura 1: Grafo de co-ocorrência de *hashtags*

#NaoVaiTerCopa: a principal *hashtag* do movimento sem o til.

A principal *hashtag* do movimento. Representava o movimento que ia contra a realização da copa junto as reivindicações e protestos contra as atitudes políticas tomadas para os ajustes, obras e modificações estipuladas, em sua maioria, pela FIFA. A *hashtag* é clara e é um afronte à realização da copa. A *hashtag* sem o til representava uma internacionalização da luta, facilitando a participação de pessoas de fora do país. A figura 2 demonstra uma das imagens repercutidas em prol da internacionalização da *hashtag*.



Figura 2: Imagem encontrada em dos *tweets* convocatórios do movimento.

#NãoVaiTerCopa: a principal *hashtag* do movimento com o til.

O minerador utilizado nesta pesquisa não difere acentos nas palavras. Na pesquisa, vemos isso como vantagem, tendo em vista que estamos trabalhando com a língua portuguesa e a linguagem utilizada na internet, na qual muito usuários não se preocupam com acentos ou com uma escrita correta. Sendo assim, podemos perceber um alto índice de utilização da *hashtag* com o til no *dataset*.

Na figura 3, podemos perceber que a campanha de internacionalização da *hashtag* teve um bom resultado. A *hashtag* sem til teve uma repercussão muito maior e uma ocorrência maior entre as demais *hashtags*.

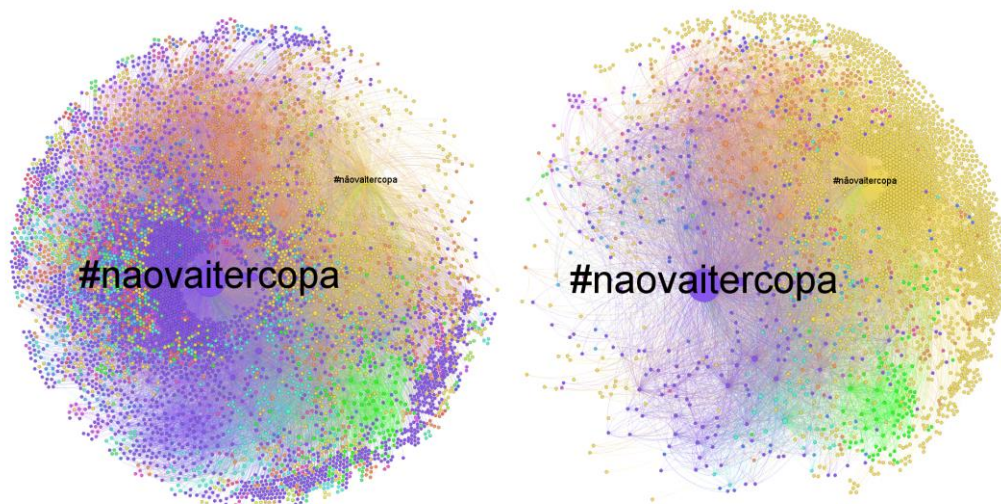


Figura 3: Grafo mostrando a influência direta das entre *hashtags*, comparando #naovaitercopa (esquerda) e #naovaitercopa (direita)

#brazil: representação internacional no movimento no *Twitter*.

O movimento, além de buscar reconhecimento internacional, teve diversos tweets em inglês e em outras línguas. Pode-se ver a incidência da *hashtag* #brazil no Figura 4 e a comunidade em que ela se encontra (comunidade retirada do grafo completo encontrado na figura 1). Percebe-se que ela está em uma comunidade em que se nota a presença de diversas *hashtags* em inglês, incluindo a #NaoVaiTerCopa, sem o til. Ao lado da comunidade encontra-se o zoom das proximidades da *hashtag* analisada. Vemos que próximo a ela está as *hashtags* mais internacionais do *dataset*, como #worldcup #globalrev, #occupy, entre outras.

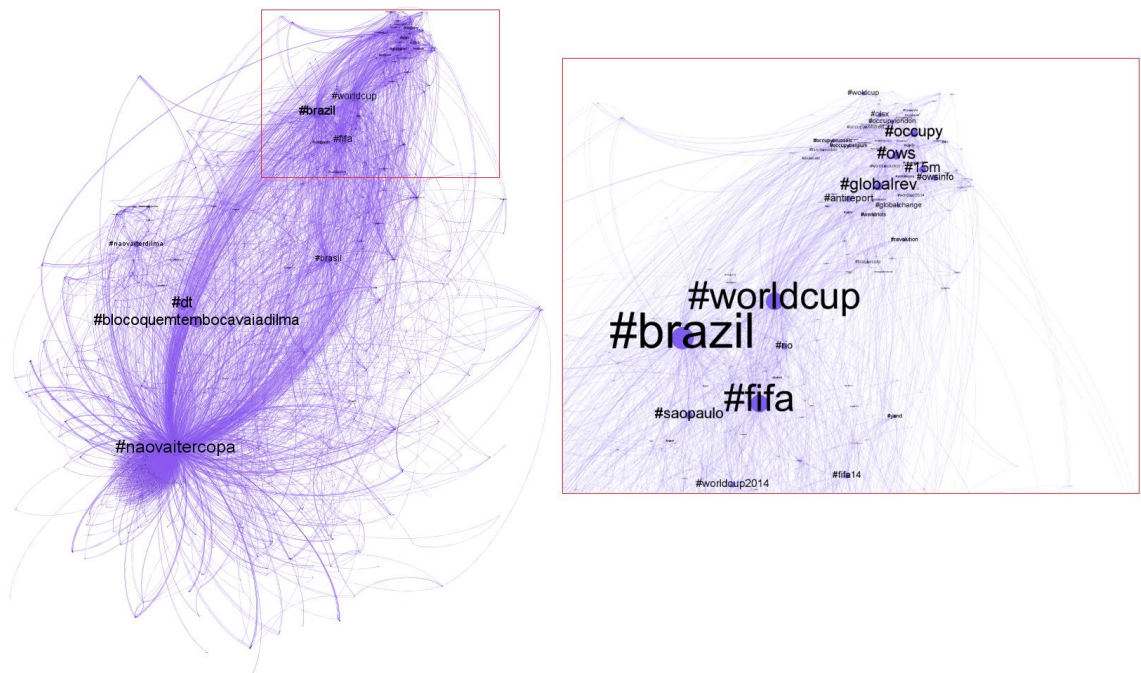


Figura 4: Grafo mostrando a comunidade em que #brazil está inserido. Ao lado, um zoom das proximidades da *hashtag* em questão

#blocoquemtembocavaiadilma: a presença da direita no movimento.

Dentre os próprios *tweets* que contém a *hashtag*, pode-se encontrar a origem da mesma. Ela teve sua criação e repercussão através do perfil @brazilnocorrupt e a reportagem da revista veja diz: “#BlocoQuemTemBocaVaiaDilma – uma campanha articulada na internet pela ONG Brazil No Corrupt, ligada ao deputado Jair Bolsonaro.”¹⁰

Entre os *tweets* mais *retweetados* podemos ver o tweet original do perfil @brazilnocorrupt. Este *tweet* enaltece apoio ao político Bolsonaro e contém uma imagem ensinando como ingressar seu usuário na campanha “doe um *tweet*” que o perfil apoiou. A transcrição do link é a seguinte: “Bolsonaro me representa #BlocoQuemTemBocaVaiaDilma #NaoVaiTerCopa Doe tts <http://justcoz.org/brazilnocorrupt>”. O link encontrado no *tweet* leva o usuário para um site da campanha que se baseia em utilizar o *Twitter* alheio para repercutir os *tweets* postados pelo usuário @brazilnocorrupt. Percebemos que muito, praticamente todo, do sucesso de ibope da *hashtag* se dá por esta campanha e seus organizadores, pois tudo que se postava, todos os usuários conectados a campanha compartilhavam em seus perfis privados, conseguindo uma repercussão grande na rede.

#VemPraRua: a hashtag que se manteve presente nos protestos brasileiros.

A *hashtag* #VemPraRua se culminou nos protestos de junho e julho de 2013, que ocorreu em vários estados brasileiros. Esses protestos se voltaram contra os governos brasileiros e todo o sistema político da atualidade. A *hashtag* foi criada por uma propaganda da FIAT e falava sobre as pessoas irem pra rua e torcer pelo Brasil. E foi exatamente o que os brasileiros fizeram, porém foram mudar o Brasil. Dessa forma, a expressão “Vem pra rua!” se popularizou nos protestos, tanto nas ruas quanto nas redes. Na figura 3, podemos ver o grafo retirado de 108.158 *tweets*, no período de 15 de junho a 15 de julho (Falcão, 2014):

¹⁰ “http://veja.abril.com.br/blog/radar-on-line/governo/planalto-detecta-intensificacao-da-hashtag-blocoquemtembocavaiadilma/?utm_source=redesabril_veja&utm_medium=twitter&utm_campaign=redesabril_veja&utm_content=feed” (Último acesso: 22/07/2015)

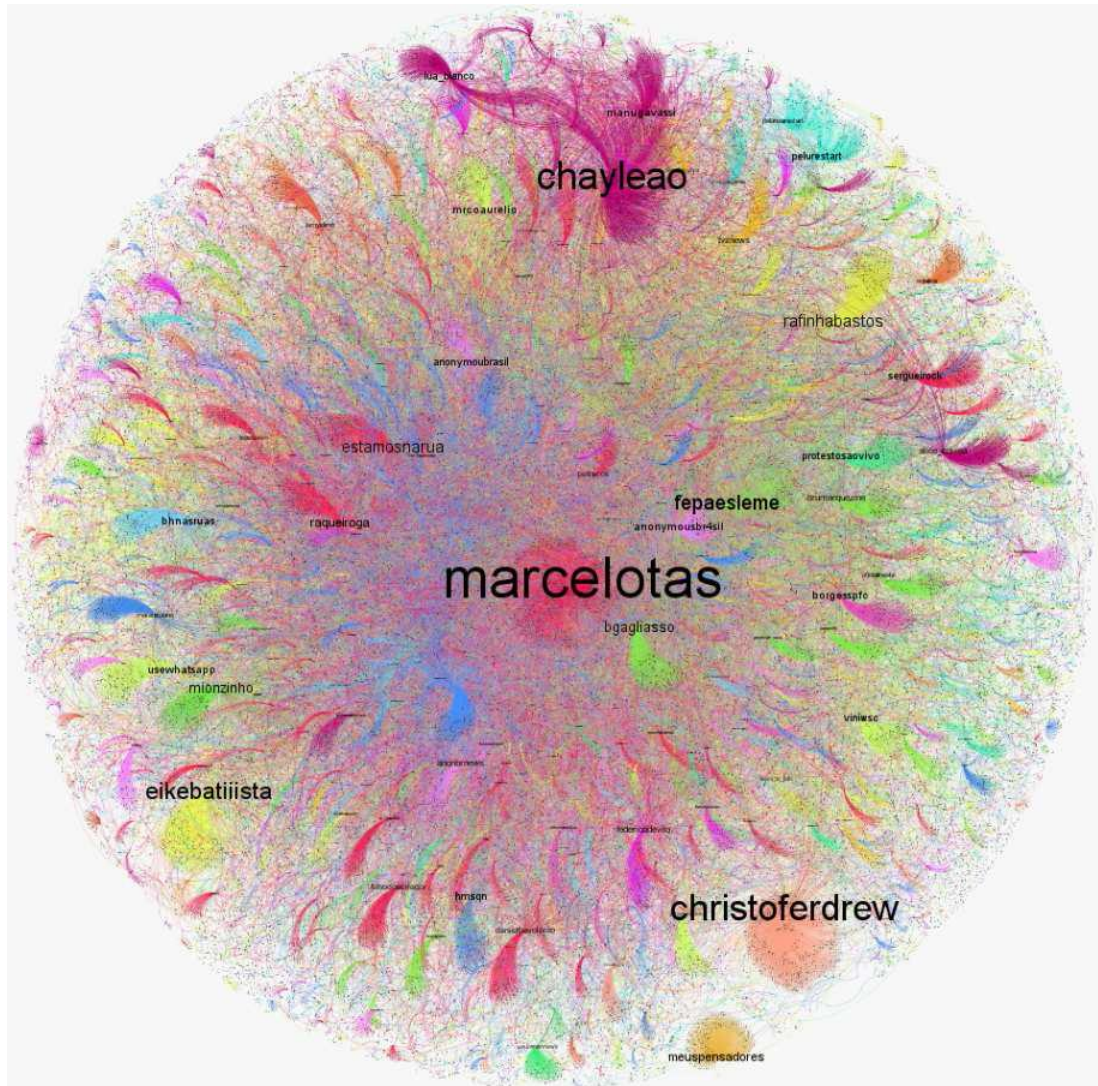


Figura 5: Grafo de Retweets do movimento #VemPraRua

Conclusão

Pôde-se analisar, através de técnicas e teorias explanadas no primeiro capítulo deste artigo, o movimento #NaoVaiTerCopa e suas principais *hashtags*. A análise concluiu uma eficiente internacionalização do movimento, expandindo-o para outras línguas na rede social, principalmente ao analisar a *hashtag* #brazil e suas conexões mais próximas no grafo. Outra conclusão pôde ser percebida com a influência do Coletivo @brazilnocorrupt, na qual agregava diversos perfis para *tweetar* suas *hashtags* e enaltecer seus tweets e suas *hashtags*. Percebemos a presença da *hashtag* #vempraru, que antes usada para nomear um período de protestos, foi generalizada como forma de convocação em outros protestos seguintes.

Referências bibliográficas

Antoun, Henrique. **De uma teia à outra: a explosão do comum e o surgimento da vigilância participativa**. In: Henrique Antoun (Org.). Web 2.0: Participação e vigilância na era da comunicação distribuída. Rio de Janeiro: Ed. Mauad. 2008.

Bastos, Marco Toledo; Recuero, Raquel; Zago, Gabriela. **Encontros e desencontros entre tar e ars: o laço fraco entre teoria e método**. In: Contemporânea. v. 12(3). set-dez 2014. p. 576-594. 2014.

Castro, Eduardo Viveiros de. **Filiação intensiva e aliança demoníaca**. Novos estud. - CEBRAP, Mar 2007, no.77, p.91-126. 2007.

Dias, Jamille P.; Sztutman, Renato; Marras, Stelio. **Múltiplos e animados modos de existência: entrevista com Bruno Latour**. In: Revista de Antropologia. v. 57(1). São Paulo: USP. 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 1. São Paulo: Ed. 34. p. 96. 1995.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o Social – uma introdução à teoria do Ator-Rede**. Salvador-Bauru: EDUFBA-EDUSC, 2012.

LEMOS, André. **Espaço, mídia locativa e teoria ator-rede**. Galaxia (São Paulo, Online), v. 13(25), p. 52-65, jun. 2013.

MENDES, Conrado Moreira. **A noção de Narrativa em Greimas**. In: e-Com ,v. 6(1). 2013.

PRATES, Vinicius. **Entre formigas e estrelas**. Galaxia. (São Paulo, Online), n. 25, p. 206-210, jun. 2013

PRIMO, Alex. **O que há de social nas mídias sociais? Reflexões a partir da teoria ator-rede**. In: Contemporânea. v. 10(3). set-dez 2012. p. 618-641. 2012.

VENTURINI, Tommaso. **Diving in magma: how to explore controversies with actor-network theory**. In: Sage Publications, Public Understanding of Science. Vol 19(3). pp. 258-273. 2010.